

Mulheres e transformação digital: quais os desafios?

Mariana Sobral

O mundo digital envolve tanto homens como mulheres: todos pagamos contas online, todos contactamos com familiares e amigos online, todos estudamos online, todos desenvolvemos atividades profissionais online, mesmo que seja apenas o simples acesso ao e-mail.

Tão falada e discutida ultimamente, nomeadamente no contexto pandémico que vivenciamos, a transformação digital apresenta uma vasta panóplia de oportunidades a vários níveis sendo o setor do Turismo um dos que mais dela pode beneficiar.

Citando uma notícia da página Oficial do Governo de Portugal referente à Conferência de Alto Nível relativa à Educação Digital em maio de 2021, o Sr. Ministro da Educação, Tiago Brandão, menciona com detalhe a relevância de uma educação inclusiva, frisando ainda: “Se há um défice social, a educação digital deve contribuir para a sua superação. Se há mais homens do que mulheres envolvidos neste setor, ela deve procurar tornar esse abismo de género tão pertencente ao passado”¹.

Este “abismo de género” é reconhecido também pela Comissão Europeia quando, no seu documento “Women in Digital”² refere que, apesar de mais de metade da população europeia ser constituída por mulheres, estas correspondem apenas a 18% dos especialistas em TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação).

A diminuída representatividade das mulheres neste setor é assustadora quando analisados os dados no mesmo relatório onde se verifica que 93% do capital investido em empresas europeias foi direcionado para equipas constituídas apenas por homens e as mulheres que desenvolvem a sua atividade profissional nas TIC auferem salários 20% inferiores. Por outro lado, é também de notar que apenas 1 em cada 6 especialistas nas TIC são mulheres e que apenas 1 em cada 3 graduados nas STEM (disciplinas educacionais de ciência, tecnologia, engenharia e matemática) são mulheres.

Temos, portanto, dois entraves: se por um lado as condições de trabalho e oportunidades diferem entre os sexos, é também a falta de profissionais (mulheres) capacitadas para desenvolver a sua atividade nestas áreas um óbice à sua fraca representatividade no setor.

É fulcral analisar estes dados e perceber as origens desta desigualdade e as razões pelas quais esta situação não foi, ainda, invertida. Impõe-se, portanto, colocar a questão “o que é necessário fazer-se, a nível governamental, empresarial, local para que esta disparidade seja reduzida e as oportunidades se tornem igualitárias?”

Apesar do mundo digital necessitar cada vez mais de profissionais capacitados, são poucas as mulheres que estudam a área das STEM, muitas vezes precursora de carreiras no setor digital. É fundamental, por isso, criar projetos eficazes para fomentar as vocações científico-tecnológicas,

¹ Disponível em <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=educacao-digital-vai-marcar-a-decada-e-deve-ser-inclusiva-e-universal>

² Disponível em <https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/library/women-digital>

frisando a importância da diversidade de género dentro destes setores. Se a diversidade impulsiona a inovação, porque não começar por aqui?

Se a Europa enfrenta uma escassez de especialistas digitais, porque não encorajar mais mulheres a abraçar esta economia e enfrentar o desafio? Para isso é necessário criar condições salariais igualitárias bem como oportunidades a nível de formação especializada. É neste contexto que surgem eventos como o Dia Internacional das Reparigas nas TIC organizado pela União Internacional das Telecomunicações (uma das agências especializadas das Nações Unidas) com o objetivo primordial de incentivar as jovens a ganharem competências neste domínio, mas também sensibilizar as empresas e organizações para a participação feminina neste setor. Relativamente à formação, existem cada vez mais escolas direcionadas para formação no feminino, tentando assim colmatar a lacuna no mercado. Exemplo disso são empresas como a SheCodes que conta com alunas de empresas de renome como a Lufthansa, Siemens ou Ikea, entre outras.

Para finalizar, o ponto mais importante é lutar-se contra os estereótipos criados ao redor das TIC e o feminino. É urgente incrementar culturas empresariais inclusivas, apoiar iniciativas como os Digital Skills Awards (evento onde se premeiam iniciativas europeias de competências digitais, tendo especial destaque o prémio na categoria de “Habilidades digitais para reparigas e mulheres”), No Women No Panel (campanha desenvolvida com a finalidade de conscientizar sobre o equilíbrio de género em painéis e eventos públicos) e WE Hubs (é a primeira comunidade de organizações de apoio a empresas que promovem o empreendedorismo feminino no setor digital) para que este fosso seja reduzido.

Sendo a transformação digital algo incontornável nos dias de hoje, é fundamental que o setor do Turismo não fique para trás. Longe vão os dias em que um turista, decidido a viajar, se deslocava presencialmente à agência de viagens da sua preferência para consultar os packs disponíveis e agendar a sua viagem. Atualmente, para além de podermos executar esta tarefa remotamente, podemos ainda comparar valores entre empresas, comprar bilhetes, percorrer as ruas do destino com o Google Street View e até fazer o check-in online!

É importante salientar que esta transformação digital não se fez repentinamente sendo um processo em desenvolvimento e atualização constantes onde existe sempre espaço para melhorias já que o setor digital é dinâmico, estando em constante evolução. É, neste contexto, fulcral realçar programas que desenvolvem a transformação digital no Turismo, como o programa BEST – Business Education for Smart Tourism e o Programa Upgrade (com destaque para o Upgrade Digital, do qual tenho o prazer de ser uma das formadoras na área das ferramentas informáticas aplicadas ao Turismo), ambos dinamizados pelo Turismo de Portugal tendo como primordial objetivo dinamizar ações de formação de qualificação na área da transformação digital, sensibilizando os profissionais do setor para a realidade incontornável que vivemos.

É necessária a criação de um ambiente igualitário, sustentável, justo, para que a sociedade se possa desenvolver de forma a integrar tod@s no mundo digital onde nos inserimos. A importância da mulher não deve ser negada, sendo um desafio coletivo cativar o seu interesse pelas TIC mas também criar as condições adequadas à sua fixação nesta importante fatia da economia, nomeadamente no setor do Turismo.

Se junt@s somos mais fortes, porque não começar agora?